

O feitiço contra o feiticeiro, ou talvez não

Trump cultivou o tribalismo e a polarização, usou o discurso do ódio e legitimou a violência. Foi, agora, vítima de tudo isso. Ou talvez beneficiário.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 17 de Julho de 2024

Pode ter sido um choque, mas não foi, certamente, uma surpresa. O [atentado contra Donald Trump](#) não é nada de novo na história política americana. Pelo contrário, insere-se numa [longa tradição](#) de violência política que caracteriza a história dos Estados Unidos da América. Desde o assassinio de Lincoln, em 1865, ao de Kennedy, em 1968, quatro presidentes foram mortos (Lincoln; Garfield; McKinley; e Kennedy), três foram feridos (Ted Roosevelt, Reagan e Trump) e 16 foram vítimas de tentativas falhadas de assassinio. Feitas bem as contas, dos seus 46 presidentes, 9% foram assassinados e 35% foram vítimas de, pelo menos, uma tentativa de assassinio. Isto é, a história política e eleitoral norte-americana está entre as mais violentas do mundo.

Mas a verdade é que, desde o atentado contra Reagan, em 1981, que há mais de quarenta anos o fenómeno não se repetia. Porquê, então, agora? E quais as causas do regresso de uma tal violência política? [O atirador](#), um jovem de 20 anos sem antecedentes criminais e inscrito no Partido Republicano, terá tido as suas razões. Mas desconhecem-se ainda, e provavelmente nunca se conhecerão, as suas motivações e as causas psicológicas. Há quem aponte causas sociológicas e ponha a tônica nas redes sociais como motor do tribalismo, do discurso do ódio e da violência. Todas estas estão, certamente, presentes.

Mas as verdadeiras causas têm raízes mais profundas e mergulham no cruzamento de duas dinâmicas em movimento crescente na sociedade americana: a polarização política e o acesso às armas de fogo. A polarização política atingiu nos Estados Unidos uma natureza extrema em que os dois pólos em confronto o entendem como uma luta existencial. Não se trata, apenas, de uma competição eleitoral em que está em jogo a eleição do poder legítimo. Trata-se, sim, de um combate mortal em que a vitória do campo oposto significa ameaça aos seus valores fundamentais e à existência do próprio país em que acreditam e se revêem.

Um estudo recente do [Chicago Projects on Security and Threats](#) (realizado entre 20 e 24 de Junho de 2024, numa amostra de 2061 cidadãos) mostra que 7% de americanos, ou seja, 18 milhões, apoiam o uso da força para restabelecer Donald Trump na presidência; e, ao mesmo tempo, que 10%, ou seja, 26 milhões de americanos, apoiam o uso da força para impedir Donald Trump de chegar de novo ao poder. Para uns, um segundo mandato de Trump significa o fim da democracia, para outros, a democracia já acabou.

Em 2020, com a “eleição roubada” de Biden. Significa isto que existem minorias radicais que recusam qualquer legitimidade ao campo oposto e, pelo contrário, acham legítimo o uso da violência política para desalojar o adversário.

Ora, é este caldo de cultura que favorece não só os motins do tipo de [6 de Janeiro](#), como os actos desesperados dos lobos solitários, como terá sido agora o caso. E é aqui que a dinâmica da polarização política se cruza com a dinâmica do acesso às armas. No mesmo estudo mostra-se que, dos 26 milhões de americanos que consideram justificada violência para impedir Trump de chegar à presidência, nove milhões possuem armas de fogo. E dos 18 milhões que consideram justificado o recurso à força para devolver Trump à presidência, sete milhões possuem armas de fogo. Se o adversário não tem sequer legitimidade para existir e se o uso da força é legítimo, então, quando a mudança não se consegue nas urnas, procura-se por outros meios.

O problema é que muitos dos que pensam assim são os mesmos que possuem as armas de fogo. Trump é um deles. Cultivou o tribalismo e a polarização, usou o discurso do ódio e legitimou a violência e impediu, sempre, qualquer controlo sobre as armas de fogo. Foi, agora, vítima de tudo isso. Ou talvez beneficiário. O feitiço virou-se contra o feiticeiro. Ou talvez não. Quem sabe se o feiticeiro ainda ganha com isso?

<https://www.publico.pt/2024/07/17/opiniao/opiniao/feitico-feiticeiro-nao-2097748>